

## **Benefícios e riscos na cooperação entre *Regnum* e *Sacerdotium*: Lotário III e Inocêncio II**

Vinicius Cesar Dreger de Araujo

### **Introdução:**

A Contenda das Investiduras indubitavelmente trouxe grandes prejuízos ao Império: a ofensiva papal e o choque subsequente enfraqueceram as estruturas de legitimação e de exercício do poder imperial, trazendo a dessacralização do mesmo e um forte abalo em seu controle sobre o episcopado germânico, além do conflito com a nobreza. A guerra civil causou inúmeros prejuízos materiais à Germânia, além de permitir que o particularismo principesco criasse raízes no Império.

Henrique IV defendeu a monarquia por trinta anos de guerra contra o Papado e os nobres. Seu filho o derrubou aliando-se com ambos. Desta forma o conflito parecia estar resolvido. Mas quando Henrique V se tornou monarca, rapidamente ficou claro que seus objetivos eram realmente os mesmos que os de seu pai e que ele não permaneceria em paz com seus aliados por muito tempo...

Sua ascensão em nada alterou a natureza dos problemas fundamentais que de agora em diante todos os aspirantes ao trono imperial teriam que enfrentar: a definição do relacionamento do imperador com as divergentes forças de seu momento – o papado reformado, o padrão instável do cenário político italiano e as famílias aristocráticas germânicas descontentes e muitas vezes rebeldes.

Uma certa paz com a Igreja foi obtida através de uma série de acordos que culminaram com a Concordata de Worms (1122) que, de certa forma, criou uma separação entre as funções leigas e espirituais do alto clero. Porém, a Concordata ainda permitia a interferência leiga nas eleições eclesiásticas que se ampliou com interpretações elásticas das funções do imperador nas mesmas.

O grande problema nas relações entre o papado e o império encontrava-se na interpenetração de ambos, numa relação simbiótica como já entrevista pelo papa Gelásio em relação às duas espadas. Porém, desde cedo estabeleceu-se a questão da primazia. Qual dos poderes deveria ser considerado como hierarquicamente superior? Quem seria o supremo senhor da Cristandade?

Conforme brilhantemente resumido por Walter Ullmann,

*“para ser nomeado imperador, o rei deveria suplicar o favor apostolicus, teria que receber favores papais, porque ele não tinha direito à coroa imperial. Sua condição de imperador se devia a um *divinum beneficium* transmitido pelo papa, ele sabia que de acordo com o ponto de vista papal tradicional, deveria converter-se em um subalterno, encarregado de tarefas específicas; sabia também que teria que se submeter a um exame sob a forma de perguntas e respostas (*scrutinium*) e prestar um *juramentum subditi* (juramento de súdito). Não havia sequer uma entronização quando recebia a coroa imperial, posto que, por que deveria se entronizar um subalterno? Qualquer um familiarizado com o significado simbólico do trono, percebe o significado da ausência de qualquer tipo de entronização: é claro, um subalterno nunca ascende ao trono.*

*No próprio fato do rei alemão suplicando pela coroa imperial, temos o reconhecimento implícito e a aceitação do ponto de vista papal de que somente o papado era o órgão legítimo mediante o qual poderia obter-se a coroa imperial romana. A coroação pelo papa era algo constitutivo. E tão logo o papa lhe outorgava a coroa e lhe entregava a espada, o símbolo do poder terreno, depois de haver prometido ser um obediente *filius* da Igreja Romana, imediatamente depois de terminadas as festividades da coroação, ele afirmava com grande insistência ser então o verdadeiro imperador romano, a quem lhe pertencia todos os adornos de seu suposto antecessor.*

*O fator inconveniente de que de tudo isso o papa era o fulcro, que sem ele não haveria um imperador romano no ocidente e que sem ele os germanos não poderiam deter o Império Romano, era suprimido com ruidosas afirmações de autonomia, acompanhadas pelos adereços de poder hegemônico”.*<sup>1</sup>

Esta era indubitavelmente a posição gregoriana a respeito da função imperial que definitivamente subordinava o poder imperial à Igreja. Embora Gregório VII não tenha vivido o suficiente para ver o Império dobrar-se às proposições por ele representadas,

---

<sup>1</sup> ULLMANN, p. 105.

isto de fato ocorreu durante o reinado do sucessor de Henrique V, Lotário III de Supplinburg, especialmente em sua relação com o papa Inocêncio II.

Neste texto pretendemos analisar as relações entre o reinado de Lotário (1125-1137) e o pontificado de Inocêncio (1130-1143) com relação às concepções de poder e suas demonstrações como rituais e a famosa e polêmica pintura mural no palácio de Latrão, tão controvertida nas relações entre Frederico I e Adriano IV.

### **Eleição e reinado de Lotário III até 1130:**

Henrique V, morto aos trinta e nove anos, foi sucedido por Lotário de Supplinburg, que, por sua vez, já havia superado a marca dos cinquenta anos de idade, como Lotário III. Um século se interpõe entre a elevação de Conrado II, o primeiro Sálvio e Lotário; uma comparação das duas eleições mostra o quanto os tempos haviam mudado. Em 1024 o que aparentava ser uma eleição completamente livre havia resultado na escolha do herdeiro legítimo; mas na segunda ocasião as demandas do sobrinho Hohenstaufen de Henrique V, o duque da Suábia Frederico II, eram uma desvantagem, já que a nobreza germânica insistiu em sua recentemente fortalecida independência e seu direito a uma livre escolha.

Considerações de política eclesiástica reforçaram as idéias constitucionais: aqueles que não gostavam da natureza incompleta da Concordata de Worms e da forma como Henrique V havia agido e não podiam esperar obter vantagens daquele que era herdeiro de suas políticas, tinham que procurar outro candidato.

O duque Lotário da Saxônia era adequado em todos os quesitos: era poderoso o suficiente para reinar, mas sua idade e falta de descendentes masculinos (e assim não ter ambições de estabelecer uma dinastia própria) significavam que ele não representava ameaça ao princípio eleitoral, ele ainda era recomendado pela sua hostilidade a Henrique V e sua grande fidelidade à Igreja. Outro ponto favorável foi Lotário não possuir nem ligações agnáticas ou cognáticas à dinastia dos Sálvios, fator que gerava rejeição às linhagens dos Hohenstaufen e dos Babenberger, ambas ligadas aos Sálvios por intermédio de Agnes, irmã de Henrique (porém os Babenberger não enfatizavam sua ancestralidade Sálvia, deixando assim a designação de herdeiros dos Sálvios aos Hohenstaufen, que realmente se consideravam uma continuação dos mesmos).

O Arcebispo Adalberto I de Mainz, que havia liderado a oposição a Henrique V a partir de 1112 e inimigo dos Hohenstaufen, tanto em políticas quanto em questões territoriais, encarregou-se de construir a oposição à sucessão dinástica, promovendo uma solução eletiva. Ele não apenas foi capaz de extorquir as insígnias imperiais da imperatriz viúva Matilda (sendo que a posse das insígnias tinha um papel muito importante no processo sucessório) como também conseguiu extrair aos príncipes a promessa de que a reunião eleitoral ocorreria em sua sé em Mainz, sob a sua presidência. Além disso, estavam presentes outros dois legados papais<sup>2</sup> e um observador francês, na figura do Abade Suger de Saint-Denis.

A partir do século X, teoricamente, a participação do povo era considerada como parte das eleições régias, mesmo que o *populus* fosse na prática representado pelos *principes*. Na assembléia de Mainz mesmo esta participação foi reduzida; um colégio eleitoral foi formado com os magnatas presentes, consistindo de dez representantes das tribos principais: Francônios e Lorenos juntos, Suábios, Bávaros e Saxônios. Havia um candidato de cada tribo, mas apenas três com chances reais<sup>3</sup>: o margrave da Áustria Leopoldo III (portanto bávaro) da casa dos Babenberger; o duque Frederico II da Suábia e o duque da Saxônia Lotário de Supplinburg.

A assembléia dos nobres foi habilmente manipulada a escolher Lotário da Saxônia pelo inescrupuloso Arcebispo Adalberto de Mainz, que confrontou cada um dos candidatos com uma pergunta capciosa: estaria ele preparado para reconhecer outro candidato como rei? Frederico pediu uma pausa para deliberar e, a assembléia sem esperar por sua resposta, elegeu Lotário de Supplinburg *per inspirationem*. A idéia de merecimento propagada pela Igreja havia triunfado sobre os laços com a dinastia prévia como favorecido pelo direito costumário (ao contrário, por exemplo, do caso da ascensão de Henrique II ao trono): “*O princípio da eleição livre havia sido vitorioso.*”<sup>4</sup>

Quando o arcebispo proclamou Lotário como rei, os bávaros protestaram, mas rapidamente vieram a concordar com o resultado da eleição. Seu duque, o Welf Henrique o Negro, inicialmente estava comprometido com a candidatura Hohenstaufen,

---

<sup>2</sup> Legados papais na eleição de 1125: o próprio arcebispo de Mainz (legado permanente para a Germânia), Gerard, cardeal de Santa Croce em Jerusalém (futuro papa Lúcio II) e Romano, cardeal de Santa Maria em Pórtico.

<sup>3</sup> Otto de Freising relata que o quarto candidato era o conde Carlos de Flandres.

<sup>4</sup> HAMPE, p. 123.

já que o duque Frederico II era seu genro, casado com sua filha Judith. Porém, a possibilidade de poder aberta com o compromisso de casamento entre a herdeira única de Lotário, Gertrude, com o herdeiro de Henrique o Negro, Henrique o Soberbo, (orquestrado pelo arcebispo de Mainz) que assim herdaria o ducado bávaro e as terras ancestrais dos Welf na Suábia, e, graças ao matrimônio, herdaria o ducado saxônio, confirmando assim os imensos ganhos territoriais da linhagem na Saxônia (Henrique o Negro era neto de Magnus Billung, último duque saxônio desta estirpe), era irresistível. Por outro lado, este casamento apontava Henrique o Soberbo como herdeiro natural a Lotário III, podendo influenciar a seu favor a próxima eleição régia. De toda forma, Henrique o Negro julgava que haveria um futuro mais brilhante para sua linhagem através de seu filho do que através de seu genro e neto. Assim, em 13 de setembro de 1125 Lotário foi coroado rei pelo arcebispo Frederico de Colônia em Aachen. A influência dos príncipes eclesiásticos na eleição e o pedido feito ao papa Honório II para que este concedesse sua aprovação (*confirmatio*) à eleição, trouxeram a Lotário a reputação de ser um *Pfaffenkönig*, um “rei dos padres”: “*O rei legítimo agora aceitou tudo o que a oposição aos Sálios havia buscado em 1077 – o direito irrestrito dos nobres de eleger e do papa em confirmar*”.<sup>5</sup>

A luta contra os Hohenstaufen tornou-se inevitável quando o duque Frederico II recusou-se a entregar terras da coroa ao novo rei; sob os Sálios as terras da família e as pertencentes ao fisco régio tornaram-se de difícil distinção entre si. Antes do fim do ano Frederico havia sido posto fora da lei e uma campanha militar foi proclamada contra ele, assim como contra seu irmão Conrado que havia sido privado de seu ducado francônio. Lotário tentou cercar os Hohenstaufen: concedeu a reitoria sobre o condado da Alta Borgonha (as terras à volta de Besançon) a oeste dos territórios Staufen a Conrado de Zähringen, enquanto a leste, as terras dos Staufen eram cercadas pelas terras da Bavária, e ao sul, pelos domínios dinásticos alodiais dos Welf à volta de Ravensburg, ambos sob Henrique o Soberbo. Mas a expedição militar de 1127 que deveria levar os Hohenstaufen à obediência, acabou por atolar em um cerco a Nuremberg.

Os Staufen tornaram o rompimento completo: em dezembro de 1127 o irmão caçula de Frederico, Conrado da Francônia, foi eleito como anti-rei (já que este, ao contrário de seu irmão mais velho, não havia jurado fidelidade ao novo monarca) e

---

<sup>5</sup> HAMPE, p. 124.

buscou apoio na Lombardia, sendo coroado em Monza como rei da Itália pelo arcebispo de Milão e tentou tomar o controle sobre as terras Matildinas. Mas seu golpe foi malsucedido; seus recursos eram muito poucos para alcançar seu principal objetivo, contestar, como herdeiro de Henrique V, as demandas papais sobre as já mencionadas terras Matildinas. Porém, com a recusa dos vassalos de Matilde em reconhecê-lo, Conrado foi obrigado a recuar e os Hohenstaufen teriam sido obrigados a admitir a derrota, caso Lotário não tivesse outros problemas, notadamente o cisma que atingiu a Igreja Ocidental com a sucessão de Honório II (cuja ascensão já havia sido disputada).

### **Lotário III, a dupla eleição papal de 1130 e a ascensão de Inocêncio II:**

As duas principais famílias nobres romanas que tradicionalmente disputavam o trono papal, os Frangipani e os Pierleoni, entraram novamente em choque, sendo que a minoria, liderada pelo chanceler da Cúria Aimerich (que já havia eleito Honório II sob circunstâncias questionáveis) e apoiada pelos Frangipani, elegeu rapidamente o cardeal Gregório Papareschi, que assumiu o nome de Inocêncio II. A maioria, embora batida na rapidez, elegeu Petrus Pierleone (que já havia sido preterido na eleição anterior), que assumiu o nome de Anacleto II, de modo impecável. Assim, um candidato podia argumentar que foi eleito primeiro, mas o outro alegava que tinha o direito a seu lado.

Esta dupla eleição não foi apenas o reflexo de uma disputa entre linhagens rivais, mas um resultado direto de disputas internas à Cúria papal. Inocêncio foi apoiado principalmente pelos cardeais mais jovens, a maioria oriunda do Norte da Itália, enquanto que Anacleto foi apoiado pelos cardeais mais velhos, principalmente da Itália meridional e os romanos. Inocêncio favorecia às novas ordens como os Cistercienses, os Premonstratenses e os cânones regulares. Anacleto estava mais próximo às concepções gregorianas de reforma e do espírito de Cluny, além de desaprovar a tendência de seus antecessores de apoiar os episcopados contra os mosteiros.

Embora Inocêncio II fosse “*uma mediocridade incolor*”<sup>6</sup>, tinha chances maiores de vencer, já que era apoiado por Bernardo de Clairvaux, Norberto de Magdeburg e seus círculos, que representavam a forma de monasticismo mais moderna, contando com uma crescente influência no mundo leigo. Foi uma vitória dos Cistercienses e do

---

<sup>6</sup> FUHRMANN, p. 119-120.

episcopado sobre os Cluniacenses. A eloquência de Bernardo conquistou Luís VI de França e Henrique I da Inglaterra que passaram a apoiar Inocêncio. Anacleto foi apoiado por Roger II, que, por sua vez, foi recompensado com o título de Rei da Sicília, enfeudado pelo papa em 1130.

Assim, Lotário III tornou-se o fiel da balança. Ambos os papas notificaram-no de suas eleições. Esta era uma situação favorável para que a monarquia germânica reassumisse sua tutela sobre o papado, mas Lotário via a situação essencialmente como assunto de consciência e remeteu a decisão final a um sínodo convocado em Würzburg. De fato, sua devoção religiosa estava em contato com sua habilidade política, já que caso ele tentasse dominar o papado ou mesmo declarar-se como árbitro da Igreja, acabaria entrando em conflito com seu próprio episcopado (em sua maioria reformadores) e contra os Cistercienses, Premonstratenses e Cluniacenses, além de arriscar-se a lançar Inocêncio e todos os reformadores ocidentais para o lado de Conrado de Staufen.

Em Würzburg alguns prelados estavam convencidos de que a causa de Anacleto era melhor, mas a maioria seguiu a liderança de Norberto de Magdeburg e, alinharam-se a Inocêncio II. Lotário obedeceu esta decisão, embora Anacleto lhe houvesse oferecido a coroação imperial, além da excomunhão de Conrado.

É interessante que Inocêncio nada tenha oferecido a Lotário; aliás, ele apenas enviou aos bispos e príncipes germânicos uma carta na qual comandava-os a incitar Lotário a cumprir suas obrigações com a Igreja Romana. Inocêncio simplesmente demandou os serviços devidos pelo rei germânico à Igreja, na tradição da visão ministerial do poder imperial. Assim, Lotário foi encarregado com os deveres de escolta a Inocêncio em seu retorno a Roma e lhe concedesse proteção permanente.

Mas esperava-se dele mais do que isso. Bernardo e Inocêncio, ao reunirem-se com o monarca em Liège (1131), demandaram que o mesmo realizasse um gesto pleno de significados: que ele prestasse ao papa os serviços de palafrenero, como havia sido estabelecido na Doação de Constantino; que ele conduzisse o cavalo do pontífice por determinado trecho, assim como segurar seu estribo enquanto montava e desmontava. O que Lotário considerava apenas como um gesto simbólico de respeito e reverência, foi definido por membros da Cúria como um reconhecimento de submissão feudal do monarca germânico frente ao papa, mas talvez não seja a única explicação para o fato,

mas tal serviço não era costumário. Foi realizado pela primeira vez por Pepino o Breve para o papa Estevão II em 754, sendo secundado apenas em 858 por Luís II (para o papa Nicolau I). Após este fato a próxima menção registrada a esta cerimônia ocorre apenas com Conrado, o primogênito rebelde de Henrique IV em 1095 (com o papa Urbano II). Por fim, esta ocasião em Liège.<sup>7</sup>

Neste encontro Lotário tentou extorquir ao papa o direito de investidura plena como contrapartida ao seu reconhecimento do mesmo e apoio militar para a reconquista de Roma. Foi necessária toda a força persuasória de Bernardo de Clairvaux para fazer com que Lotário voltasse atrás e aceitasse apenas a coroação imperial como pagamento por seu apoio, abandonando assim a idéia de restaurar a investidura plena.

No verão de 1132 Lotário cumpriu sua promessa, marchando para Roma com um exército de mil e quinhentos cavaleiros – muitas vezes menor do que o reunido para a coroação de Henrique V, vinte anos antes. Como Anacleto II havia se entrincheirado na cidadela Leonina ao redor da basílica de São Pedro, Lotário teve que ser coroado na menos prestigiosa basílica de São João de Latrão. Devemos observar que o exército reunido por Lotário era insuficiente para conquistar a cidadela papal e, é provável que ele soubesse do fato, sendo um experimentado homem de armas. É possível que tenha agido assim por vários fatores, como a contínua rebelião dos Hohenstaufen na Germânia combatida por seu genro Henrique o Soberbo, mas também como uma reação à contínua pressão de superioridade hierocrática de Inocêncio II e Bernardo de Clairvaux. Assim ele poderia recordá-los da necessidade do poder secular, conseguindo o que precisava (a coroação imperial) sem ter que comprometer muitos recursos na empreitada.

No dia quatro de junho de 1132 Lotário e sua esposa Richenza foram coroados imperador e imperatriz e nas negociações subseqüentes em relação às investiduras, o imperador conseguiu assegurar-se de um privilégio papal que proibia os bispos de serem empossados com as *regalia* antes de jurar vassalagem ao monarca por elas (subordinando assim os bispos ao monarca germânico através dos laços feudais).

Mas, por outro lado, ele assumiu uma posição complicada em relação às terras Matildinas ao reconhecer implicitamente os direitos de posse da Igreja (embora a condessa Matilde houvesse alterado seu testamento legando seu patrimônio ao

---

<sup>7</sup> Eventualmente esta cerimônia foi incorporada à coroação imperial, mas não antes de 1155; já que se assim o tivesse sido, Frederico I provavelmente não teria criado controvérsias a respeito da mesma no encontro de Sutri em 1155.

imperador Henrique V, agregando assim suas terras ao fisco imperial). Ele concordou em manter estas terras em regime de usufruto em troca de um pagamento anual de 100 libras de prata e investiu seu genro com as terras e este deveria prestar homenagem ao papa por elas. A Cúria juntou estas situações diferentes, como se Lotário que dois anos antes havia prestado o serviço de palafrenero, tivesse se tornado vassalo papal pelas terras Matildinas. Aliás, um afresco mural em São João de Latrão mostrava o papa sentado em seu trono, coroando Lotário como imperador e apresentava um dístico com a seguinte inscrição: “*o rei tornando-se vassalo do papa (Homo papae) ao aceitar a coroa que lhe foi oferecida*”<sup>8</sup>. Isto mostra claramente o quão perigosa era a visão curta de Lotário ao aceitar as formas externas de subordinação ao papa para o futuro do Império.

Logo após a saída do imperador de Roma, Roger II expulsou Inocêncio II da cidade e Bernardo começou a recordar a Lotário que o imperador tinha o dever de proteger a Igreja. Uma nova expedição italiana tornou-se possível quando os Hohenstaufen submeteram-se a Lotário em 1135, após mediação do próprio Bernardo de Clairvaux. Tiveram que entregar as terras da coroa herdadas de Henrique V, mas Frederico manteve-se como duque da Suábia e Conrado da Francônia foi mesmo honrado com o título de porta-estandarte da hoste imperial.

Para a expedição italiana de 1136 foi reunido um grande exército. Só Henrique o Soberbo liderava 1500 cavaleiros e desta vez Lotário seria capaz de afirmar por completo os direitos imperiais na Itália. Ao adentrar a península, ele seguiu o costume de imperadores antigos e presidiu uma assembléia em Roncaglia, próximo a Lodi e publicou um decreto, influenciado pelo Direito Romano, que proibia que os *valvassores* (vavassalos) subenfeudassem ou alienassem seus feudos sem o consentimento de seus suseranos, senão estes não seriam capazes de cumprir seus deveres militares para com o Imperador.

A campanha prosseguiu em 1137 prometendo ser um sucesso: Benevento e Bari foram tomadas, Roger II ofereceu negociações de paz e chegou mesmo a oferecer seus filhos como reféns. Mas existia oposição no exército e diferenças entre o papa e o imperador, a respeito de quem seria o real suserano das terras normandas conquistadas, que acabaram por causar o fim da expedição. Na marcha de retorno, após entregar as

---

<sup>8</sup> FUHRMANN, p. 121.

insígnias imperiais ao recentemente investido Margrave da Toscana Henrique o Soberbo, Lotário morreu próximo a Reutte no Tirol a 4 de dezembro de 1137. Suas conquistas na Itália foram rapidamente retomadas pelos normandos e o cisma encerrado, com a morte de Anacleto II em janeiro de 1138. A principal atividade de Lotário como duque da Saxônia e como monarca, foi dar continuidade ao “*Drang nach Osten*” realizado desde os anos de Otto I, pelo menos.

Como é possível constatar, o reinado de Lotário III trouxe uma série de complicações à questão da legitimidade: o papel dos príncipes na eleição, que, pela primeira vez em duzentos anos elegeram um príncipe que não pertencesse à dinastia de seu antecessor seja por ligação agnática seja por ligação cognática. Foi uma clara tentativa de retomar o princípio do monarca como *primus inter pares* com a eleição de um candidato considerado mais fraco (do que o candidato hereditário), que derivasse sua legitimidade deste consentimento. Porém, a reação do monarca eleito era a de buscar uma base de apoio mais sólida contra os próprios príncipes eleitores, a Igreja. De fato, a intensa participação do arcebispo de Mainz na eleição de Lotário, o relacionamento muito próximo do monarca com o papado e as complicações desta relação, como nos episódios do serviço de palafrenero e das terras Matildinas, ambos interpretados como símbolos da submissão feudal do monarca ao papa ampliaram a crise legitimária pós-Contenda das Investiduras.

### **Considerações sobre Lotário III:**

*“Lotário destacou-se dos outros nobres de seu período como o mais hábil e mais poderoso, mas, como o resto da Germânia de seus dias, a ele faltava grandeza”.*<sup>9</sup>

As opiniões de seus contemporâneos lhe eram positivas, sendo mesmo que Otto de Freising afirmou que se a morte não o tivesse sobrepujado, sua força e feitos teriam novamente restaurado a coroa à sua antiga posição. Em claro contraste, grande parte dos historiadores modernos nos transmitem um relato que muito lhe desfavorece, justamente devido às suas conexões eclesiásticas.

---

<sup>9</sup> HAMPE, p. 124.

Sua atitude está bem fundamentada na inegável fraqueza de sua política de ceder à Igreja, mas fora isto, ela é unilateral e injusta. Lotário não poderia negar suas origens e nem desejava fazê-lo. O particularismo (dos nobres) e a Igreja haviam lhe dado o trono.

Assim, ele não queria um novo conflito com a Igreja, mas sim uma cooperação pacífica. A despeito de todas as suas concessões, que pareciam – e de fato muitas eram mesmo – evidências de fraqueza, sua política não era sem sentido. Ele realizou um notável experimento para descobrir se uma monarquia forte podia ser criada e mantida mesmo se concedesse pleno reconhecimento aos atuais desenvolvimentos do particularismo e da independência clerical, como ele já havia feito quando estabeleceu sua autoridade sobre seu ducado.

Lotário III foi reverenciado pelos círculos reformistas como “*um imperador temente a Deus, um guerreiro vigoroso, distinto nas armas, prudente no conselho, terrível contra os inimigos de Deus, amigo da justiça, inimigo da injustiça*”. Lotário foi “*útil e adequado à honra do império*”, de acordo com Pedro Diácono, cronista de Monte Cassino, revivendo os termos com que Gregório VII julgava os monarcas<sup>10</sup>. Lotário foi o único imperador da Idade Média Central cuja atitude parecia aproximar-se da interpretação papal do ofício imperial e do papel como *advocatus, patronus e defensor* da igreja romana: “*o mais cristão imperador Lotário, repleto de zelo por Deus e pela fé cristã, como católico advogado da Igreja*”.<sup>11</sup>

Para ele a cooperação com a Igreja não era uma escolha, mas a principal forma de estabelecer a legitimidade de seu poder sobre os príncipes germânicos, em especial os irmãos Hohenstaufen. Assim os benefícios desta cooperação eram óbvios para ele; mas os riscos advindos da mesma, nem tanto.

No campo da simbologia de poder esta cooperação enfraqueceu o Império, já que sistematicamente, os publicistas papais acabaram por construir uma imagem na qual Lotário foi apresentado não como o parceiro secular que a Igreja necessitava, mas sim como um vassalo, um subordinado à mesma.

---

<sup>10</sup> ROBINSON, p. 451.

<sup>11</sup> ROBINSON, p. 443.

## Considerações sobre Inocêncio II:

Inocêncio II foi um papa preocupado com a *imitatio imperii*, na qual fazia questão de utilizar-se de todos os adereços do poder imperial (como a púrpura e o diadema) para reafirmação de sua autoridade universal.<sup>12</sup>

Em uma carta escrita em 1130, logo após o início do cisma papal, o Cardeal bispo Pedro do Porto testemunha que antes da eleição tanto Anacleto quanto Inocêncio haviam vivido vidas sábias e honestas. Todavia, após sua eleição, talvez incentivado pelo chanceler Aimeric, e num esforço para demonstrar que ele era o verdadeiro papa, Inocêncio transformou-se de modesto legado em régio monarca.<sup>13</sup> Ao exceder o luxo com que Calixto II havia se cercado, ele utilizou-se de pompa e cerimônias para impressionar aos espectadores com a majestade de seu ofício. Em suas viagens Inocêncio distribuía dinheiro aos pobres, presenteava os nobres e oferecia festas suntuosas que chegaram mesmo a impressionar ao astuto abade Suger de Saint-Denis, que não deixou de observar o custo desta *largesse* papal: após encontrar-se com a corte francesa, Inocêncio visitou os mosteiros franceses para restaurar a saúde dos cofres papais... Aliás, Inocêncio foi um ativo incentivador do emprego das cortes judiciais papais<sup>14</sup>, já que eram tanto uma medida de exercício de poder real quanto uma segura fonte de rendimentos.

Inocêncio prosseguiu com sua *imitatio imperii* até a morte, já que requisitou para seu enterro o sarcófago de pórfiro do Imperador Adriano e que deveria ser enterrado em Latrão, a igreja de Constantino<sup>15</sup>, em vez de São Pedro.

Em relação ao episódio de Liège, devemos recordar que se tratava da cerimônia da rosa dourada. Desde o século XI esta cerimônia era realizada no domingo 29 de março e Inocêncio, no exílio, sabia que a mesma estava sendo oficiada por Anacleto em Roma. Na cerimônia o papa leva uma fragrante rosa dourada em procissão até a igreja de Santa Croce, onde era oficiada uma missa. Na homilia era enfatizado o significado da rosa dourada. Após a cerimônia, coroado e acompanhado por seus seguidores leigos e

---

<sup>12</sup> ROBINSON, p. 24.

<sup>13</sup> STROLL, p. 180.

<sup>14</sup> Comportamento considerado abusivo por São Bernardo em seu *De Consideratione*.

<sup>15</sup> Segundo a Doação de Constantino.

espirituais, o papa retornava em uma procissão ao palácio de Latrão. Em um ponto ao longo da rota, o prefeito da cidade o aguardava, e assumia suas rédeas guiando-o pelo restante do caminho e ajudando-o a desmontar. O papa então entregava-lhe a rosa e o prefeito agradecia beijando-lhe o pé. Já que o prefeito era vassalo do papa e Lotário estaria cumprindo seu papel em Liège, as pessoas que assistiram a cerimônia poderiam ter inferido que Lotário também agia como um vassalo. Mas, característico de Inocêncio, a cerimônia era apenas sugerida, já que não havia rosa, não havia Santa Croce e não houve a missa.<sup>16</sup>

A interpretação de Inocêncio a respeito de suas relações com Lotário tomaram a forma de um mural, representando a coroação de Lotário, na capela de São Nicolau no palácio Lateranense, não mais existente mas que nos é conhecido devido a desenhos feitos nos séculos XVI e XVII e por descrições feitas por quatro autores germânicos do reinado de Frederico I. Estes relatos germânicos foram todos escritos após o mural ter causado a ira de Frederico e levado os bispos germânicos a escrever ao papa Adriano IV no início de 1158, demandando a sua remoção.

Todos os relatos alemães dão uma interpretação feudal ao mural: que Lotário estava representado recebendo a coroa imperial do papa como um vassalo recebe um feudo de seu senhor. O relato mais explícito – o de Rahewin, biógrafo de Frederico – recita a inscrição que acompanhava o mural: “*Vindo até nossos portões, o rei jurou proteger a Cidade/Então se tornou vassalo do Papa e recebeu a coroa que ele concedia*”<sup>17</sup>. Modernas discussões sobre o mural perdido focaram-se nesta inscrição e seu retrato do imperador como vassalo papal – cujo único precedente foi a exigência de Gregório VII em 1081 de que o anti-rei realizasse um juramento de fidelidade ao papa. Foi sugerido que ao encomendar o mural a Cúria papal tenha amalgamado a coroação imperial de Lotário com a investidura das terras Matildinas quatro dias depois e assim criado a impressão de que o império fosse um feudo papal. Porém, os esboços sobreviventes do mural do Lateranense – contrastando com os relatos alemães e, particularmente com a mencionada inscrição de Rahewin – não mostram qualquer cerimônia feudal. É mesmo possível que a inscrição não fosse parte da concepção original de Inocêncio II e representasse uma “escalada” posterior de exigências papais.

---

<sup>16</sup> STROLL, p. 195.

<sup>17</sup> OTTO & RAHEWIN, III, 10, p. 184.

Todavia, mesmo sem a inscrição feudal, o mural permanece como uma poderosa declaração das relações entre o império e o papado. O papa aparece entronizado, coroado e portando seus trajes cerimoniais; ele ergue o ajoelhado Lotário, que está sem coroa e vestido simplesmente. Está claro que Inocêncio desfruta da autoridade suprema na Terra: ele condescende ao rei da Germânia, que se humilha perante o trono papal, e o ergue à dignidade imperial. Mesmo se Inocêncio não tenha utilizado o vocabulário feudal utilizado por Gregório VII em 1081, sua concepção das relações entre papa e imperador era essencialmente Gregoriana.

Obviamente Inocêncio nunca pretendeu estabelecer a suserania papal sobre o imperador como princípio. Ele nunca articulou tal demanda e ela não foi lançada aos sucessores de Lotário. O que ele esperava alcançar com o mural e a inscrição no palácio de Latrão era algo muito menos ambicioso do que a canonicidade da vassalagem imperial. Ele simplesmente procurava erodir a imagem da autoridade imperial, miná-la para que no futuro ela estivesse vulnerável a novas investidas. E ele escolheu o momento correto.

Enquanto Conrado III falhava em conter os Welf e em reconquistar a Terra Santa, uma nova geração de clérigos acostumou-se a ver o imperador retratado como vassalo papal, perigo que Frederico I astutamente vislumbrou.

Assim, para Inocêncio, a cooperação com Lotário III foi amplamente vantajosa, já que o papado experimentava um enfraquecimento após a Contenda das Investiduras. Inocêncio conseguiu perpetuar a imagem de vencedor do Império:

*“Juntas, as evidências escritas e pictóricas indicam que a mais distinta característica do pontificado de Inocêncio II era sua imitação imperial. É neste caráter, mais do que qualquer divergência sobre a reforma eclesiástica, que o diferenciava de Anacleto. Era Inocêncio mais do que Anacleto o conservador, por que ele é que se modelou pelas visões hierocráticas de Gregório VII. Gregório havia apontado o caminho para tornar o imperador vassalo papal, e, enquanto Inocêncio não tenha conseguido realizar o objetivo de seu antecessor, ele conseguiu algo quase tão bom: convenceu de que o havia feito”.*<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> STROLL, p. 208.

## **Bibliografia:**

ARNOLD, Benjamin. "The Western Empire, 1125-1197" in: LUSCOMBE, David & RILEY-SMITH, Jonathan. *The New Cambridge Medieval History*, Vol. IV 1024-1198 parte II, Cambridge: CUP, 2004, pp. 384-421.

ARNOLD, Benjamin; *Medieval Germany 500-1300: A Political Interpretation*, Basingstoke: Macmillan, 1997.

BARRACLOUGH, Geoffrey; *The Origins of Modern Germany*, Oxford: Blackwell, 1947.

BENSON, R. L. e CONSTABLE, G. (organizadores); *Renaissance and Renewal in the XIIth Century*, Cambridge (Massachussets): Harvard University Press, 1982.

BLUMENTHAL, Ute-Renate. *The Investiture Controversy*, University of Pennsylvania Press, 1991.

CARDINI, Franco. *Il Barbarossa: Vita, trionfi e illusioni di Federico I Imperatore*, Milano: Oscar Mondadori, 2000.

FOLZ, Robert; *The Concept of Empire in Western Europe from the fifth to fourteenth Century*, Londres: Edward Arnold, 1969.

FREISING, Otto. *The Two Cities – A Chronicle of Universal History to the Year 1146 AD*, New York: Columbia UP, 1928, 2002.

FREISING, Otto & RAHEWIN. *The Deeds of Frederick Barbarossa*, New York: Columbia UP, 1953, 2004.

FUHRMANN, Horst; *Germany in the High Middle Ages c. 1050-1200*, Cambridge: CUP, 1995.

HAMPE, Karl. *Germany under the Salian and Hohenstaufen Emperors*, Rowman & Littlefield: Totowa, 1973.

JEEP, John M. (ed.); *Medieval Germany: An Encyclopedia*, Londres: Routledge, 2001.

REUTER, Timothy. *Germany in the Early Middle Ages, c. 800-1056*, Londres & Nova York: Longman, 1991.

ROBINSON, Ian Stuart; *The Papacy 1073-1198: Continuity and Innovation*, Cambridge: CUP, 1990.

STROLL, Mary. *Symbols as Power: The Papacy Following the Investiture Contest*, BRILL, 1991

TELLENBACH, Gerd. *The Church in Western Europe from the Tenth to the early Twelfth Century*, Cambridge: CUP, 1996.

TIERNEY, Brian. *The Crisis of Church and State, 1050-1300: With Selected Documents*, University of Toronto Press, 1988

ULLMANN, Walther. "Reflections on the Medieval Empire", in: Transactions of the Royal Historical Society, *Fifth Series*, Vol. 14, (1964), pp. 89-108.